

FALANDO SOBRE PESQUISA, EDUCAÇÃO E SAÚDE NA ENFERMAGEM^a

Diana CECAGNO^b

Hedi Crecencia Hecler de SIQUEIRA^c

Marta Regina CEZAR VAZ^d

RESUMO

Este texto tem por objetivo tecer algumas reflexões teóricas acerca da importância da pesquisa e da educação na construção do conhecimento e sua influência no processo saúde-doença. Entende-se que a concretização das ações educativas, a serem desenvolvidas pelo enfermeiro, necessita de uma base científica, alicerçada na pesquisa e interativa com o ambiente no qual o ser humano encontra-se inserido.

Descritores: Processo saúde-doença. Educação em saúde. Pesquisa.

RESUMEN

Este texto tiene por objetivo tejer algunas reflexiones teóricas acerca de la importancia de la investigación y de la educación en la construcción del conocimiento y su influencia en el proceso salud-enfermedad. Se entiende que la concretización de las acciones educativas, a ser desenvueltas por el enfermero universitario, necesita de una base científica, cimentada en la investigación y con interacción con el ambiente, en el cual el ser humano se encuentra insertado.

Descriptorios: Proceso salud-enfermedad. Educación en salud. Investigación.

Título: Hablando sobre investigación, educación y salud en Enfermería.

ABSTRACT

The objective of this paper is making some theoretical reflections about the significance of research and education to the construction of knowledge and their influence in the health-disease process. It is understood that the materialization of educative actions, to be developed by the graduated nurse, requires a scientific base, founded on research and interactive with the environment where the human being is inserted.

Descriptors: Health-disease process. Health education. Research.

Title: Talking about research, education and health in Nursing.

^a Texto elaborado a partir de conteúdos desenvolvidos na Disciplina de Conceito de Saúde e seus Nexos no Trabalho da Enfermagem, do Curso de Mestrado em Enfermagem da Fundação Universidade Federal do Rio Grande.

^b Enfermeira, especialista em Enfermagem Médico-Cirúrgica. Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Fundação Universidade Federal do Rio Grande.

^c Enfermeira e Administradora Hospitalar. Professora do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da FURG. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina.

^d Enfermeira, professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Doutora em Filosofia da Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo apresentar algumas reflexões teóricas acerca da importância da pesquisa e da educação na construção do conhecimento e sua influência no processo saúde-doença.

Ao contextualizar a temática proposta neste estudo é possível identificar que a pesquisa, a educação e o processo saúde-doença estão intimamente ligados ao tempo histórico no qual estão sendo estudados, inter-relacionam-se e refletem o estilo de vida da sociedade em questão/estudo⁽¹⁻⁵⁾. Portanto, para se conhecer o processo saúde-doença e entender a sua complexidade, é preciso compreender as relações individuais e coletivas da sociedade.

Conhecer essas relações, em que o homem convive, pode ser proporcionado por modelos teóricos/teorias que “buscam promover conhecimentos sistematizados e indicar tradições de pesquisa que melhor atendem às necessidades das enfermeiras na busca de melhores estratégias de intervenção nos contextos de saúde”^(6:19). Há uma autora que pontua uma nova forma de olhar a realidade (distante do modelo biomédico), sem perder de vista que “o processo de saúde-doença é incorporado pelas enfermeiras, que passam a utilizar os conceitos nas dimensões maiores do processo humano de viver saudável”^(6:19).

Com o propósito de entender a realidade na qual está inserida, a enfermagem vem buscando desenvolver um arcabouço teórico-filosófico, através de pesquisas que apresentam um caráter interdisciplinar articulado às demais profissões envolvidas com a saúde, tendo a finalidade de ampliar a produção de conhecimento, visando conhecer cada vez mais o poder da educação e sua influência no processo saúde-doença⁽⁷⁾.

Da mesma forma, a enfermagem é uma dentre as várias profissões que atuam diretamente com as ações em saúde, e que essas necessitam de uma base científica, alicer-

çada na pesquisa, para a concretização de tais ações⁽⁸⁾.

Corroboramos com essas assertivas, por considerar imprescindível conhecer as relações individuais e coletivas, buscando estratégias para os enfrentamentos do cotidiano. A fundamentação teórica deve ser a ferramenta básica para as intervenções referentes à promoção da saúde do ser humano.

2 CONCEITUANDO PESQUISA E EDUCAÇÃO: influência no processo saúde-doença

Falar sobre pesquisa, educação e sua relação com a saúde não é um tema fácil, visto requerer a compreensão de vários fatores que influenciam, direta ou indiretamente, esta problemática. Além disso, é necessário considerar a importância atribuída à relação saudável do indivíduo consigo mesmo (demonstrando sua subjetividade), com os outros e com o meio-ambiente. Essa compreensão é um desafio, não apenas pelos aspectos subjetivos que envolve, mas principalmente na atualidade, onde as inter-relações são caracterizadas como complexas, multidimensionais e, ainda, pelo emergir de novos estilos de vida numa sociedade em constante transição.

A preocupação com a **saúde** não é algo novo, pois existe desde o tempo de nossos antepassados. Antigamente, dizia-se que a saúde dos indivíduos dependia do meio-ambiente em que habitavam. Depois, passou a ser considerada sob a dependência do entendimento de cada pessoa ou grupo sobre seu próprio corpo e, do modo como era vista a presença, ou ausência, de sinais e sintomas indicativos de algum tipo de desarmonia funcional.

No último século, com o rápido desenvolvimento da ciência foram descobertas novas formas de estudar o funcionamento do corpo, através da fisiologia, fisiopatologia, antropologia e genética, disciplinas que con-

seguem ampliar o conhecimento e a compreensão de quais elementos/agentes afetam os seres humanos. Em tal sentido, essas disciplinas, reunidas como ciência, examinam os fenômenos no homem físico, tendo em vista um conhecimento teórico-científico neste aspecto⁽⁹⁾. Hoje em dia, sabemos que fatores sociais, econômicos, ambientais e culturais estão presentes no nosso cotidiano e são, também, determinantes do processo saúde-doença.

O ser humano é complexo por natureza e isso é facilmente entendido, quando se estudam disciplinas como anatomia, fisiologia e fisiopatologia. Este “complexo” é regulado por normas biológicas que determinam o seu funcionamento, sua sobrevivência bem como a harmonia entre os órgãos. Quando essas normas são, por algum motivo, descumpridas, quebra-se o padrão normal de funcionamento e tem-se o surgimento de sinais ou sintomas que identificam uma possível patologia.

A doença faz parte da normatividade da vida, ou seja, ela não é uma ausência de saúde, mas, a ausência ou descumprimento de uma norma biológica⁽⁹⁾. Conforme o mesmo autor, a vida é uma atividade normativa, e o estado de saúde (Fisiologia) e o estado de doença (Patologia) são fenômenos inerentes à mesma. Sendo assim, o limite humano faz seu próprio encaixe sobre o normal e o patológico, porque a doença está no homem.

A existência de normas e regras de procedimentos faz com que o indivíduo se relacione em sociedade. Muitas vezes, as normas são impostas por essa sociedade, fazendo com que a estrutura humana, seja em nível físico ou psicológico, se desestruture e não consiga acompanhar tal **normatização social**, surgindo assim um novo conceito sobre saúde-doença⁽⁹⁾.

Desse modo, as causas das doenças funcionais são quase todas perturbações do ritmo de vida, atribuídas ao estresse diário, decorrentes de qualquer exercício que ultrapasse a adaptação das necessidades do indivíduo ao meio ambiente⁽⁹⁾.

É desejo de toda a humanidade, em todos os tempos, a procura de uma melhor qualidade de vida, sendo preciso buscar harmonia com os indivíduos, com a natureza, com o meio em que vivem e convivem.

A idéia de saúde, para grande parte das pessoas é a falta de doença, ou seja, a saúde ainda é entendida como o oposto da doença, sendo vista como algo somente perceptível, quando está ausente. Não raro, é esquecido que ela pode significar a capacidade que o ser humano possui de pensar, agir, sentir, tomar decisões, participar de eventos de lazer e oportunidades que a sociedade oferece e, sem dúvida, ter condições e forças para enfrentar os desafios do cotidiano⁽⁹⁾.

Nesse sentido, lazer envolve autonomia do indivíduo sobre o tempo a ele dedicado⁽¹⁰⁾. Poucos são os trabalhadores que, na turbulência da vida diária, conseguem dedicar um tempo mínimo de sua jornada a essa prática.

Doença é a perturbação do equilíbrio e harmonia, tanto do homem como fora dele: saúde vista como a vida no silêncio dos órgãos, e a doença, como aquilo que perturba os homens no exercício normal de sua vida e em suas ocupações, fazendo-o sofrer⁽⁹⁾.

O **processo saúde-doença** é pontuado como processo social que coloca em questionamento as articulações entre as relações dos indivíduos⁽⁵⁾. Se tomarmos como base a nossa própria história de vida: nascemos como ser único e individual, porém, logo ao nascer, precisamos do auxílio de outros, e a nossa história inexistira sem a razão do coletivo.

Para se estudar o processo saúde-doença, é necessário analisar as características da coletividade humana, assim como as condições de saúde em diferentes sociedades, no mesmo momento histórico. Isso pode ser realizado através da comparação, entre as sociedades, de indicadores/instrumentos que avaliam o resultado das forças produtivas e das relações sociais, no perfil patológico⁽⁵⁾.

Uma ferramenta disponível para o estudo do processo de saúde-doença é a utiliza-

ção dos conceitos de epidemiologia e clínica. Epidemiologia é definida como o conhecimento da saúde e doença numa visão coletiva, é o saber clínico como o entendimento das necessidades individuais⁽¹⁾. No entanto, este autor faz uma associação entre o saber individual e o coletivo, em que as características da clínica e da epidemiologia, como produtoras de saberes, proporcionam um conhecimento visando à saúde coletiva e produzindo investimentos em serviços de saúde que levam à construção do processo de trabalho.

Como se sabe, um dos objetivos da epidemiologia é reduzir os problemas em relação à saúde na população, e suas aplicações podem descrever a situação de saúde, investigar seus fatores determinantes, além de orientar e avaliar o impacto das ações, para alterar tal situação.

Portanto, pode-se dizer que a informação de saúde a ser transmitida à população deve estar alicerçada em bases epidemiológicas sólidas e critérios técnicos consistentes, que esclareçam: os riscos e as doenças prevalentes, ou que sejam objeto da ação sanitária dos indivíduos, de instituições privadas ou do poder público; as formas de evitar ou lidar com estas patologias; as condições ambientais relacionadas ou não a esses agravos; as atividades desenvolvidas pelos órgãos de saúde, públicos ou privados, e a monitoração e avaliação continuadas, das condições de saúde e das ações em curso, conseqüentemente interligando investigação, educação e o processo saúde-doença.

A **pesquisa**, interligada à educação, pode ser considerada como uma ferramenta de transformação/mudança que possibilite uma reflexão crítica da visão de homem e sua relação com a realidade vivenciada. Neste sentido, a pesquisa pode propiciar o estudo/investigação de fatos/fenômenos/acontecimentos que envolvam o cotidiano do sujeito, ou seja, permite que o ser humano conheça/responda um questionamento acerca de questões pertinentes às relações ambientais, sociais, polí-

ticas, educacionais, entre outras, em que está envolvido. Essa ferramenta possibilita ao homem os meios necessários, para firmar-se no contexto social e na promoção da saúde.

Seguindo nesta mesma vertente, a pesquisa pode influenciar, significativamente, na adaptação do ser humano frente aos avanços tecnológicos da informação utilizados no processo de promoção, prevenção e recuperação da saúde, alicerçados numa consciência moral e comportamental com as questões de desenvolvimento e preservação ambiental.

Através da pesquisa, é possível identificar as necessidades das pessoas, para manter uma vida saudável, bem como detectar riscos de desenvolver problemas de saúde. Além disso, a pesquisa é capaz de alertar sobre o uso de formas para descobrir, evitar e/ou minimizar agravos, por meio de ações comportamentais e no ambiente onde vivem ou convivem⁽⁸⁾.

É possível ver, neste contexto, emergir a importância da pesquisa no processo de saúde-doença que possibilita uma melhoria na condição de existir do indivíduo, valendo-se da educação como estratégia de desenvolvimento humano.

A **educação** é um tema que sempre preocupou os homens e as sociedades, por isso assumiu várias definições. Ela pode ser entendida como o processo da perfeita realização da natureza humana. Tratando-se de um processo que tem começo e fim voltados para o ser humano, a educação pode ser compreendida e analisada sob enfoques que definem o próprio ser humano.

As ações de educação em saúde devem contribuir, para transformar o dever do estado, em relação ao que está disposto na Constituição de 1988, em estado de dever, sendo a saúde, função de todos, indivíduos, instituições, coletividade e governos⁽¹⁰⁾. Para ser possível a real promoção da saúde, faz-se necessário considerar a experiência de vida das pessoas, sua subjetividade, o conhecimento popular, ou seja, os aspectos culturais, e o saber científico.

Esse saber envolve a integração da teoria com a prática dos profissionais de saúde, aqui, em especial, a enfermagem, que devem proporcionar ao ser humano uma educação voltada ao seu cotidiano, com base numa proposta enfatizadora da promoção da saúde ao invés do cuidado da doença.

Pensando-se em educação em saúde, a proposta de trabalho que a envolve deve ser planejada/estruturada junto à população, visando desenvolver o conhecimento em relação a essa temática. Tem-se, como um importante instrumento, a utilização da comunicação que é capaz de estimular, informar, interligar os indivíduos entre si, buscando desenvolver o senso crítico. Este, além da conscientização das necessidades para ser saudável, enfatizam uma educação voltada para o autocuidado em saúde, expressando uma tomada de decisão por parte do indivíduo acerca da importância de mudança de comportamento, visando melhorar a condição de existir.

Em tal sentido, o grupo científico sobre pesquisa em educação e saúde, da Organização Mundial da Saúde (OMS), afirma que os objetivos da educação em saúde são desenvolver, nas pessoas, o senso de responsabilidade pela sua própria saúde e pela saúde da comunidade à qual pertencem⁽¹¹⁾.

A educação em saúde, pelo descrito acima, pode ser percebida como disciplina de ação significando que o trabalho será dirigido, para atuar sobre o conhecimento das pessoas, a fim de desenvolverem senso crítico e capacidade de intervenção sobre suas vidas e sobre o ambiente com o qual interagem. Assim, criarão condições, para se apropriarem de sua própria existência, bem como do resgate da cidadania.

Neste contexto, a educação precisa ser encarada como um processo que só acontece no convívio social, isto é, na relação do homem com sua realidade. Dessa forma, as questões que envolvem educação em saúde devem promover senso de identidade individual, autonomia, dignidade, responsabilidade,

solidariedade e, acima de tudo, responsabilidade comunitária e resgate da cidadania.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inúmeras vezes acreditamos que somente o Estado é obrigado a garantir o direito da saúde dos cidadãos, embasados na Lei Orgânica da Saúde, n. 8080/90, em seu artigo 3º⁽¹⁰⁾. Porém, não só o Estado deve ser responsabilizado pelo processo de promoção da saúde, mas cada indivíduo deve fazer sua parte, a fim de tornar o coletivo melhor. Investimentos feitos em setores como meio ambiente, educação, trabalho e, especialmente, na pesquisa, têm resultado na melhoria de qualidade de vida e saúde da população, direcionando e orientando ações individuais e da coletividade, resultando numa organização social de maior qualidade e mais produtiva.

A construção do conhecimento, em relação à promoção da saúde, é um processo que precisa ser realizado de forma constante com a participação individual e coletiva, seja na família, no grupo de trabalho, nos grupos sociais, nas comunidades e nas organizações sociais.

Ocorreu, sem dúvida, nas primeiras décadas do século XX, uma revolução na área da informatização, através do surgimento de tecnologias especializadas e seu emprego na difusão de informação. Um exemplo disso é a criação de projetos como Saúde na Escola, Canal Futura, integrando parcerias como TV, Ministério de Educação e Cultura (MEC) e Amigos da Escola, entre outros.

A melhoria qualitativa dos serviços ofertados, a democratização do conhecimento, a utilização de tecnologia e a participação da população na definição dos problemas de saúde, a escolha das prioridades e estratégias a serem implantadas, através dos programas de saúde, são idéias norteadoras da nova filosofia sanitária brasileira⁽¹²⁾. Um dos meios de ligação entre a expectativa da população,

a respeito de uma vida com mais qualidade e as projeções governamentais, quando oferecem programas de saúde deve ser, obviamente, a educação em saúde articulada com a pesquisa.

Dentre os profissionais que desempenham significativo papel nas relações entre seres humanos, sociedade, educação, pesquisa e saúde, encontra-se o enfermeiro. Esse tem como uma de suas funções promover a formação, entre a comunidade, de uma consciência coletiva sobre os problemas que envolvem a saúde, oportunizando, com isso, uma promoção de saúde voltada para aspectos saudáveis de vida.

No cotidiano da prática de enfermagem, é evidenciada a necessidade de embasamentos das ações educativas que se direcionam, tanto para o modelo individual do cuidado quanto para o coletivo, enfatizando que os critérios de validade do conhecimento, que passam pelo debate teórico e técnico, devem ser permeados pelas questões de prática social no campo da saúde, portanto, confirmados através de dados resultantes de um processo investigativo junto às práticas cotidianas⁽¹³⁾.

Uma das responsabilidades da enfermagem é prestar auxílio, cuidado à saúde dos seres humanos, seja em nível individual ou coletivo (grupos, famílias, comunidades), de maneira que consigam conservar e manter um estado de saúde. Para que tal responsabilidade seja assumida, o enfermeiro precisa possuir uma base de conhecimentos teóricos fundamentada em descobertas de pesquisa⁽¹³⁾.

Fundamentando-se nessa reflexão, percebe-se necessário incluir na formação dos enfermeiros, conhecimentos relativos ao processo de pesquisa e educação, tendo em vista, não apenas o crescimento e o desenvolvimento científicos, mas também assegurar ao indivíduo e à sociedade condições, para entender melhor o processo saúde-doença, bem como viver com mais qualidade. No âmbito da saúde, a educação para mudança de

atitudes representa fator de grande relevância, na medida em que é indispensável à adoção de um estilo de vida saudável, como alimentação, vestuário, transporte, entre outros. A mudança ou incorporação de novas atitudes deve constituir um dos objetivos para a almejada saúde, através de ambientes saudáveis, estimulada pela pesquisa.

Associando e analisando as idéias apresentadas, pode-se concluir que a educação deve preocupar-se em criar condições favoráveis para a manutenção da saúde, individual e coletiva. Dessa forma, deve utilizar-se da pesquisa, para encontrar as estratégias mais apropriadas para dar apoio à complexidade dos problemas de saúde, e ao diversificado modo de viver que envolve o ser humano e a sociedade, propiciando-lhe um viver mais saudável.

REFERÊNCIAS

- 1 Mendes Gonçalves RB. Tecnologia e organização das práticas de saúde: características do processo de trabalho na rede estadual de centros de saúde de São Paulo [tese de Doutorado em Medicina Social]. São Paulo: Departamento de Medicina Preventiva, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 1986. 123 f.
- 2 Castiel LD. O buraco e o avestruz: a singularidade do adoecer humano. Campinas (SP): Papyrus; 1994. 203 p.
- 3 Garcia JC. Medicina e sociedade: as correntes de pensamento no campo da saúde. In: Nunes ED. Medicina social: aspectos históricos e teóricos. São Paulo: Global; 1983. 158 p. p. 97-132.
- 4 Samaja J. A reprodução social e a saúde: elementos metodológicos sobre das relações saúde e condições de vida. Salvador (BA): Casa da Qualidade; 2000. 103 p.
- 5 Laurel AC. A saúde como processo social. In: Nunes ED. Medicina social: aspectos históricos e teóricos. São Paulo: Global; 1983. 158 p. p. 133-58.
- 6 Cianciarullo TI. O desenvolvimento do conhecimento na enfermagem: padrões de conhecimento e

- sua importância para o cuidar. *In*: Cianciarullo TI, Gualda DMR, Anabuki MH, organizadores. Sistema de assistência de enfermagem: evolução e tendências. São Paulo: Ícone; 2001. 304 p. p. 15-28.
- 7 Prado ML, Gelbcke FL. Produção do conhecimento em enfermagem no Brasil: as temáticas de investigação. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília (DF) 2001 jan/mar;10(1)26-35.
- 8 Polit DF, Hungler BP. Fundamentos de pesquisa em enfermagem. 3ª ed. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 1995. 391 p.
- 9 Canguilhem G. O normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 1982. 189 p.
- 10 Secretaria da Saúde, Conselho Estadual da Saúde (RS). SUS é legal: Rio Grande do Sul: legislação federal e estadual do SUS. Porto Alegre (RS); 2000. 151 p.
- 11 Motta PR. Gestão contemporânea: a ciência e a arte de ser dirigente. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record; 1998. 256 p.
- 12 Minayo SMC. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 7ª ed. São Paulo: HUCITEC/ABRASCO; 2000. 269 p.
- 13 Georges JB, Garces RM, Lima MADS, Chaves EHB, Olschowsky A. Teorias de enfermagem: os fundamentos para a prática profissional. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 1993. 374 p.

Endereço da autora/Author's address:

Diana Cecagno
Av. J.K. de Oliveira, 2054 ap. 301 B
Areal
96080-000, Pelotas, RS.
E-mail: cecagnod@yahoo.com.br

Recebido em: 26/02/2004

Aprovado em: 02/09/2005
